

Ignacio Ramonet, *Guerres du XXI siècle – Peurs et menaces nouvelles* (original) *Guerras do Século XXI – Novos medos, novas ameaças*, trad. José Martins, Porto, Campo das Letras, 2002, 168 pp.

Nasceu em Espanha, em 1943. Doutorado em Semiologia e História Cultural (École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris). Lecciona Teoria da Comunicação na Universidade Denis-Diderot (Paris), e é professor associado na Universidade Carlos III (Madrid) e na Universidade de São Petersburgo. A par destas actividades, ainda é director do jornal *Le Monde Diplomatique*, assim como colabora regularmente com a Imprensa em artigos de opinião, ou não fosse jornalista.

As suas obras regulam-se por uma tónica semelhante, nas quais está bem patente o fio condutor que une cada uma delas. A sua preocupação prende-se com o papel dos media, num espaço geopolítico em mutação. Exemplo deste interesse são as suas obras já publicadas: *Le Chewing-gum des yeux* (1981), *La Communication victime des marchands* (1989), *Como nos vendem la moto* (com Noam Chomsky, 1995), *Nouveaux pouvoirs, nouveaux maîtres du monde* (1996), *Un mundo sin rumbo* (1997), *Géopolitique du chaos* (1997).

Longe vão os tempos em que o propósito último de uma guerra se resumia à anexação de um território, de forma a um Estado aumentar a sua riqueza e aniquilar qualquer ameaça vizinha.

Era assim no tempo de Alexandre, o Grande, na época dos Romanos, com a expansão de Napoleão Bonaparte e, mais recentemente, o que aconteceu, no séc. XX, aquando das duas Grandes Guerras Mundiais.

Hoje as guerras são outras. Os seus objectivos não se prendem com territórios, na verdadeira acepção do termo. Os motivos são ditados por outros interesses, que marcam cada vez mais a sociedade actual. Vivemos sob a ditadura da globalização, onde esta determina o futuro económico e, posteriormente, social de cada Estado.

Ignacio Ramonet, no seu livro *Guerras do Séc. XXI*, descreve as novas demandas que manipulam o mundo de hoje, tal como o conhecemos. A globalização está na génese da maioria das guerras encetadas, se bem que muitas vezes, não tenhamos uma percepção nítida da sua presença, já que somos ludibriados pelos senhores da guerra, que tentam apresentar motivos mais nobres para um acto de natureza hedionda.

Os desafios apresentados para o Séc. XXI, segundo o autor, prendem-se com aspectos tão variáveis e múltiplos, que se estendem desde preocupações sociais até aos movimentos mais ecológicos. Passando por aberrações como o terrorismo, a infinita guerra do Médio Oriente, a pandemia da Sida e o flagelo da fome, que em vez de estar erradicado aumenta desmesuravelmente, afectando todos os Estados, incidindo nos mais pobres e carecidos.

Todas estas problemáticas têm uma origem em comum e que acelera o seu desenvolvimento: a globalização de braços dados com o neo-liberalismo. Podemos até afirmar que a receita de todos estes males se inicia com uma variante meramente económico-financeira. Ramonet denuncia a

crise de valores em que vivemos e a consequente crise política e de quadros políticos que assoberbam os desígnios dos Estados. Mas a par desta deficiência, surge um outro panorama que condiciona qualquer acção mais utilitarista (ao estilo de Stuart Mill): a hegemonia dos Estados Unidos da América, que ocupam a “poule position” no palco da política mundial, bem como económica. Este factor, por si só, determina toda e qualquer acção de um Estado mais bem intencionado, já que os EUA detêm o poder mais do que suficiente para imporem as suas regras e interesses em qualquer canto deste nosso pequeno planeta.

Não será despropositado referir que ao escrever este livro, Ignacio Ramonet almejou analisar todo um “background” que levou aos acontecimentos de 11 de Setembro e as consequências que daí advieram. Todos os outros desafios e problemas são relegados para segundo plano e servem como pano de fundo ao cenário da emergência do terrorismo. Desta forma, elege como principais causas para várias guerras do Séc. XXI a globalização e o terrorismo.

Tendo presente alguns dos artigos de opinião que vai escrevendo no *El Pays* e no *Le Monde Diplomatique* não é difícil desvendar a sua orientação política e a sua posição desfavorável ao “Estado proto-mundial”, que são os Estados Unidos da América.

Este livro não deixa de ser uma análise pertinente aos recentes acontecimentos, se bem que a parcialidade do autor não nos deixa muitas margens para outros futuros.

Ao focalizar o fenómeno do terrorismo, que assumiu características bem diferentes das que estávamos habituados, pelo menos avaliando os seus fins, Ramonet adianta que este fenómeno não é de agora. Bem pelo

contrário. Os EUA preconizaram-no com as suas intervenções na América Latina, África, Médio Oriente, Ásia. E deixa a provocação porque é que a dado momento -a partir do 11 de Setembro- o terrorismo assumiu tanta relevância, se outrora os EUA optaram pelo mesmo tipo de retaliação contra outros Estados, onde foram chacinados tantos indivíduos, incluindo civis. Será porque o alvo passou a ser os EUA?

Esta visão anti-americana chega a roçar os limites do radicalismo, que prolifera por todo o mundo. É certo que a superpotência teve uma atitude arrogante ao desprezar as instituições, reconhecidas por todos os Estados, que têm a seu cargo a manutenção da paz e preservação dos direitos humanos. Contudo, não nos podemos esquecer que os visados e as vítimas estavam em solo norte-americano e que o atentado constituiu uma ameaça à segurança e à hegemonia daquele Estado. O facto de o terrorismo não ter pátria é que acicatóu os ânimos e levantou a questão da legitimidade de atacar um Estado que protegesse e desse abrigo a redes de terroristas. De facto, foram muitos os que morreram sem terem qualquer laço ou conhecimento das actividades terroristas, mas neste caso, a meu ver, caberia ao Afeganistão denunciar a localização dos indivíduos responsáveis por tais atrocidades e cooperarem numa operação conjunta com os EUA, para capturarem os perpetradores. Mas tal não aconteceu. Em vez disso, o regime talibã optou por correr um risco desnecessário, apoiado na esperança da comunidade internacional não concordar com a intervenção.

Pior foi mesmo a investida no Iraque. Apesar de haver semelhanças com o regime dos talibãs, onde os direitos humanos eram sonogados, a justificação fabricada não foi

coerente, nem tão pouco convenceu grande parte da comunidade internacional. No fundo, foi um aproveitar de uma situação moralmente caótica, para encobrir razões de natureza económica e histórica. Aqui, a prepotência dos EUA veio ao de cima e levamos a pensar se a intervenção no Afeganistão não terá sido uma plataforma de ensaio para voos mais altos.

Mas os desalentos do autor não se ficam pelo terrorismo. A desilusão que demonstra com o actual panorama político europeu é demasiado evidente e socorre-se do terrorismo para justificar a existência de uma direita cada vez mais radical e despropositada. Com o desmantelamento da ex-URSS e do Comunismo que se viu à deriva nos anos seguintes, os partidos de Direita ocuparam um espaço que dificilmente seria possível, sem a eventualidade de tais lacunas. A preocupação de Ramonet (e de todos aqueles mais moderados) incide sobre o ressurgimento de uma extrema direita, que esconde os seus verdadeiros propósitos nos actos terroristas.

O neofascismo começa a assumir proporções preocupantes, nesta velha Europa, ainda assombrada pelos fantasmas remanescentes de há 60 anos atrás. Com efeito, é visível a proliferação de partidos de extrema-direita por toda essa Europa fora. Mas mais incómodo, é aceitação que cada partido vai ganhando nas comunidades onde se implanta. Os resultados das eleições evidenciam claramente a ascensão destes partidos.

Assentes numa política de medo e insegurança, apregoam aos quatro ventos medidas xenófobas, culpabilizando imigrantes e outras raças pelos males que afligem a sociedade: falta de emprego, insegurança, etc... Em situação mais angustiante ficam os

oriundos de países islâmicos, que frequentemente se vêm revestidos de uma capa que não condiz com a realidade. A acentuar-se esta clivagem, a Europa poder-se-á tornar num barril de pólvora, tendo em conta a quantidade de imigrantes que nos chegam do Norte de África (países fundamentalmente islâmicos), Ásia e afins. Talvez não fosse demais lembrar aos apologistas de tais teorias, que a realidade que hoje conhecemos dos movimentos migratórios, se devem na sua maioria a relações forçadas que os mesmos países de acolhimento impuseram às suas ex-colónias. E é assim que retrocedemos face a um multiculturalismo já aceite. Com o desenrolar destes acontecimentos, vitórias alcançadas são novamente postas em causa, devido a medos primários e a políticos irresponsáveis que tentam incutir nas pessoas “papões” que já tinham sido desconstruídos. A segurança que tanto gritam como bandeira das suas campanhas é abalada pelos seus próprios discursos que incentivam à intolerância para com o próximo, tendo critérios como cor, nacionalidade ou religião.

No seu conjunto, as palavras de Ramonet são um tanto ou quanto azedas e alarmistas. Na verdade, só os mais pessimistas se poderão rever nelas. Para os mais esperançados, resta-lhes sorverem as suas análises, identificarem uma ou outra realidade e não se renderem aquilo que são evidências incontornáveis para o autor. A visão de cada um faz-se no dia a dia e na pele que cada um tem. Por mais que se esforce por transparecer um lado imparcial e apolítico, as suas opções estão clarificadas em cada linha. É uma visão no meio de tantas outras. É um contra-peso.

Alexandra Sousa Duarte

Mestranda em Espaço Lusófono e Relações Internacionais (ULHT)